



A REALIDADE COMO SIMULACRO EM SÉRGIO SANT'ANNA

QUADRADO, Lauro Iglesias¹; CUNHA, João Manuel dos Santos².

¹Acadêmico do Curso de Especialização em Letras – Literatura Comparada da UFPel; integrante do Grupo de Pesquisa “Estudos de intertextualidade: códigos estéticos e culturais; sistemas literários”, coordenado pelo Prof. Dr. João Manuel dos Santos Cunha; lauroiq@yahoo.com.br

²Doutor em Letras; professor de Literatura na Faculdade de Letras, Departamento de Letras Vernáculas, UFPel; profjoaomanuel@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

O pensamento ocidental, desde a Antiguidade, sempre se preocupou com o tema da representação do real. Através da idéia de *mimesis*, Platão problematizou a questão, que foi posteriormente retomada por Aristóteles. O primeiro afirmava que o próprio mundo onde vivemos nada mais é do que uma imitação do que ele entendia por mundo das idéias. Já o segundo atribui à *mimesis* a capacidade de trabalhar a dramaturgia como a imitação de uma ação. Dessa forma, seguindo o pensamento de ambos, é possível afirmar que representação e realidade se confundem no imaginário humano e só se tornam apreensíveis por meio da linguagem.

A questão, entretanto, permanece, atravessando a modernidade e alcançando nossos dias. Fixando a reflexão no âmbito da criação literária, Leyla Perrone-Moisés, baseada em reflexões platônicas e em idéias deleuzianas, postula a legitimação do simulacro como único meio de instalar a literatura na modernidade. De acordo com ela, “fora do mundo da representação, não há mais cópia, tudo é simulacro” (2005, p. 8). De certa forma, a idéia coincide com o que outros teóricos e críticos já vinham postulando desde a ressaca das vanguardas estéticas do início do século XX. Formulações semelhantes vão aparecer, inclusive, no próprio texto estético, ratificando a permanência da idéia de criação artística como simulacro. No texto teatral *Nossa Cidade (Our Town, 1938)*, de Thornton Wilder, por exemplo, uma personagem afirma, trazendo a discussão para o discurso realista da dramaturgia, que as pessoas de gerações posteriores apenas terão conhecimento da real objetividade de uma sociedade através das obras de ficção por ela produzidas. Também é o caso exemplar da obra contística de Jorge Luis Borges ou de narrativas de Adolfo Bioy Casares, como *A invenção de Morel (1940)*.

O que se percebe, tanto por meio da leitura de textos literários como pela análise das investigações teóricas a respeito do tema é que a idéia de simulacro permanece no centro das preocupações do homem ocidental. A partir do final do século XX, o advento de novas e sofisticadas tecnologias de reprodução permitiu que as relações do sujeito com a objetividade, pensadas no âmbito da criação estética ou das relações sociais, pudessem ser tratadas não só no campo da filosofia como da teoria e crítica literária. Nesse contexto, contribuição importante foi aportada pelo filósofo e sociólogo francês Jean Baudrillard, o qual, em sua obra

Simulacra and Simulation ([1981] 1988), afirma que “*What society seeks through production, and overproduction, is the restoration of the real which escapes it*”¹. Assim, de acordo com Baudrillard, um simulacro seria algo que está “*never again exchanging for what is real, but exchanging in itself, in an uninterrupted circuit without reference or circumference*”².

2. METODOLOGIA

É justamente a partir da aplicação mencionada por Baudrillard do conceito de simulacro que abordo a obra de ficção do escritor fluminense Sérgio Sant’Anna, da qual, como *corpus* preferencial de meu projeto de pesquisa, selecionei os romances *Simulacros* (1977) e *Um Crime Delicado* (1997), bem como a novela *Amazona* (1991) e o conto *Notas de Manfredo Rangel, Repórter (A Respeito de Kramer)* (1973). Por meio desse recorte textual, a investigação buscará entender como o escritor localiza na sua literatura ficcional a questão da complexa instalação do sujeito em uma realidade que lhe escapa de forma incontornável.

A literatura de Sant’Anna insere-se numa linha criativa que se instala na modernidade e chega até a contemporaneidade, num diálogo produtivo com obras da literatura brasileira e mundial. Suas histórias se circunscrevem em um espaço urbano tão caótico e não-acolhedor quanto os de que nos falam os textos de Rubem Fonseca, por exemplo. Nesse quadro, pode-se encontrar em suas narrativas tanto o desespero e a pequenez humana face a uma realidade da qual os personagens criados por escritores contemporâneos como Carlos Heitor Cony e João Gilberto Noll não dão conta, como a representação da encurralada burguesia brasileira em contos criados pela escritora paulista Zulmira Ribeiro Tavares. Por outro lado, a escrita de Sant’Anna intertextualiza com importantes textos da literatura *beat* norte-americana. Os marginais da sociedade, os selvagens em choque com a dita civilização, o homem em trânsito existencial, semelhantes aos personagens recorrentes nas histórias de autores como Charles Bukowski e Jack Kerouac, podem ser encontrados também nas narrativas do escritor fluminense.

Por outro lado, o jogo intertextual praticado por Sant’Anna estende-se a outros objetos estéticos, aumentando o campo de alcance do diálogo estabelecido com textos da tradição literária. São facilmente detectáveis em suas narrativas intertextos que atualizam temas caros à música popular. É o caso da banda de *rock* norte-americana *Velvet Underground*, intimamente ligada a Andy Warhol, que sempre discutiu idéias ligadas à padronização produzida por uma sociedade capitalista de consumo tendo como alvo o mercado de consumo de massa, mas falando de homens à margem do social, incapazes de se localizarem confortavelmente em uma objetividade que não os acolhe. Ainda no contexto das novas tecnologias a serviço da arte da representação, pode-se perceber na literatura de Sant’Anna um permanente diálogo com os procedimentos narrativos fílmicos, tanto na forma discursiva como na presentificação de um imaginário cinematográfico que, na linha de pensamento exposta por Baudrillard, condensa a objetividade em simulacros.

A hipótese com a qual trabalho, então, alicerça-se na idéia de que a obra literária de Sérgio Sant’Anna pode ser lida na confluência de diversos outros textos, literários ou não, nos quais se articula uma leitura do mundo objetivo como simulacro

¹ “O que a sociedade busca através da produção, e da superprodução, é a restauração do real que lhes escapa”.

² “(...) nunca novamente representando o que é real, mas representando a si próprio, em um infinito circuito ausente de referência ou circunferência”.

de uma realidade definitivamente não alcançável pelo sujeito contemporâneo. Para efeito desta comunicação, vou me deter, de acordo com o atual estágio de minha investigação, na análise do romance *Simulacros*, de 1977, a partir dos conceitos de simulacro propostos por Perrone-Moisés e Baudrillard e apresentados acima.

3. DISCUSSÃO

O livro narra o desenvolvimento de um ambicioso e inusitado experimento comportamental humano, conduzido por uma das personagens, Dr. Philip Harold Davis (Dr. Phd). A experimentação consiste em criar diversas situações de simulação protagonizadas por várias personagens, cada uma em circunstâncias distintas, com intenções específicas e características próprias. Abrindo o texto, por exemplo, já no primeiro capítulo, somos apresentados à dupla Vedetinha e Jovem Promissor, narrador e protagonista, caminhando, de mãos dadas, pelas ruas centrais de Belo Horizonte, sob o olhar avaliador do cientista, que acompanha de longe o percurso de suas cobaias. O inusitado da situação é que a jovem veste roupas exacerbadamente provocantes e o rapaz, o tradicional traje de padre, caracterizando uma situação de estranhamento aos passantes, pessoas normalmente circunscritas a um espaço social convencional como as ruas de uma cidade grande.

Nenhuma das personagens estava, naquela situação, desempenhando o seu costumeiro papel social. Ou seja, JP não era padre e Vedetinha não usava no cotidiano tal tipo de roupas. Interpretavam, por assim dizer, personagens previamente articuladas por PhD. Como se sabe, códigos corporais e imagéticos, em qualquer época e em qualquer sociedade, acabam sendo mais facilmente expressivos do que códigos verbais para a comunicação de subjetividades, o que reforça o papel da vestimenta de cada personagem, com imagens já construídas no imaginário popular. Nesse contexto, ainda que teatralizado, as pessoas – e particularmente os transeuntes do curto espaço urbano de algumas quadras, em que freqüentadores de botecos, desocupados, *habitués* das salas de cinema, velhas senhoras, jovens descompromissados, senhores engravatados, policiais, enfim, a população cotidiana do centro de uma cidade – reagem, chocadas, à visão de um casal tão improvável quanto aquele. Ou seja, o que se via não correspondia à imagem do real, articulada no imaginário dos transeuntes inseguros que assistiam à cena ao mesmo tempo incrédulos e desconcertados com os dados que aquela realidade lhes oferecia. Nesse segmento ficcional se conforma, então, uma cena que corresponderia à formulação de Baudrillard, pela qual uma suposta realidade, ainda que de caráter “verdadeiro”, encontra-se entrelaçada com o fantasioso e acaba por não corresponder ao que se espera do real. Para as personagens que encaram os simulacros de “moça desfrutável” e “padre tradicional”, a pergunta crucial seria: “e como libertarmo-nos totalmente do que somos? Aliás, como saber com exatidão o que somos depois que tudo isso começou?”, que é como o protagonista-narrador se questiona, comentando o fato. (p.9). Já para os transeuntes, o desconforto de não haver conexão entre o que vêem e o que o seu imaginário articula acaba por deslocá-los do espaço confortável no qual a realidade corresponde a sua experiência com a objetividade, colocando-os em situação de risco, já que o que vêem é lido como um “real” que não coincide com o simulacro que introjetaram para o papel social de “padre” e “vedetinha”. Reagem, então, de forma histérica e desproporcional ao que não conseguem compreender em sua impossível conexão com aquela realidade.

No entanto, o desconforto em relação às representações realizadas no experimento narrado em *Simulacros* não se restringe aos espectadores, alheios a tudo. Os sujeitos fingidores, os atores experimentadores de tal realidade inalcançável, também se encontram em situação transitória em relação a suas subjetividades. Na parte final da narrativa de *Simulacros*, a personagem Dr. PhD já não está mais viva e, portanto, as personagens restantes se encontram livres de sua influência. Apesar disso, todos optaram por seguir sua vida de representações, mantendo ou não suas alcunhas anteriores, continuando presos a uma objetividade pré-estabelecida, inclusos no eterno ciclo entre real e simulação.

4. CONCLUSÃO

No desfecho do livro, o casal Jovem Promissor, agora atendendo por Escritor, e Vedetinha dá vida a uma criança. Respondendo à questão da passagem anteriormente mencionada, em relação à dúvida sobre a possibilidade de fuga da representação, o narrador afirma, ao nascimento do filho: “Um sorriso ao mesmo tempo puro e cínico, inteligente, ingênuo, debochado. Um sorriso que era principalmente herdeiro dele, Dr. Philip Harold Davis. O sorriso do Dr. PhD” (p.240).

O bebê, chamado Felipe, simboliza a continuação e a propagação do mesmo modelo de simulação. Ou seja, a nova vida foi usada na narrativa como símbolo da permanência do antigo, já que refletia a “vitória” de PhD sobre JP. Através dessa personagem, Sant’Anna atesta a validade do simulacro como incontornável destino para os sujeitos que nele se encontram imersos, indo totalmente ao encontro da idéia de simulacro proposta por Baudrillard. É possível afirmar, então, levando em conta a sociedade contemporânea, imersa no domínio dos mais variados tipos de representação, que todos fazem parte de um grande ciclo de repetição e criação de simulacros.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDRILLARD, J. Simulacra and Simulation, In: **Selected Writings**. Mark Poster (org.); Stanford: Stanford University Press, 1988. p.166-184.

PERRONE-MOISÉS, L. **Texto, Crítica, Escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SANT’ANNA, S. **Simulacros**. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.

WILDER, T. Our Town. In: **Adventures in American Literature**. Orlando: Harcourt Brace Jovanich, 1985.